

LITERATURA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI: A HIPERFICÇÃO

Nicole Luana Rosa

Ana Júlia Kipper Bona de Borba

Fabiana Pedro Tondini

Sabemos que a tecnologia envolve a grande maioria da população e é utilizada em tempo constante, fazendo com que as pessoas estejam em contato umas com as outras em tempo real. Universo praticamente unânime dos jovens, a maioria deles passa horas navegando online, e se comunicando com pessoas do mundo inteiro.

Por que não então, envolver estes jovens no universo hipertextual? Este universo, que faz referência a escrita eletrônica, é uma espécie de escrita coletiva, gerando uma rede de informações, causando uma não linearidade na história, fugindo do habitual, formando assim a narrativa hipertextual. (Para mais informações sobre hipertexto acessar: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-hipertexto/>)

Os livros, que sempre eram encontrados somente fisicamente, têm mudado suas formas. Além de poderem ser encontrados em formato digital, podem também ser baixados em arquivos, e serem modificados pelos seus leitores. É a chamada hiperficção, uma narrativa online desenvolvida segundo uma estrutura de labirinto, partindo da noção de hipertexto, ou texto a três dimensões no hiperespaço, em que a intervenção do leitor determina um percurso de leitura único que não esgota a totalidade dos percursos possíveis no campo de leitura.

Desta forma, vemos o vídeo *Hipertexto e Hiperficção na Literatura Brasileira*, disponível no youtube, <https://www.youtube.com/watch?v=uNFVVpKdk6g&t=34s>, faz uma abordagem dos termos *Hiperficção* e *Hipertexto* na Literatura Brasileira entre os anos de 2001 e 2016.

Falando em mudança e hiperficção, uma opção intrigante, que tem o assunto em comum (tecnologia) descritiva, romântica, e com uma pitada de drama e ação, é a obra *Tristessa*, disponível em <http://www.quattro.com.br/Tristessa/>. Tal obra não é apenas uma história escrita para alguém ler e passar o tempo, mas sim uma caixinha de emoções que oferta ao leitor a chance de interagir com a história, não permitindo que o leitor simplesmente siga uma linearidade, pois deixa em aberto a possibilidade de que ele pode percorrer a história, que é a

mesma, porém os diferentes caminhos farão com que o leitor possa montar em sua mente diversas histórias. Tristessa está estruturada em atos lineares e aleatórios. É um caminho que atravessa, sem ter a clareza do tempo em que se encontra. A interação que essa obra traz é algo que está se tornando comum, pois não é o único “livro online” que existe.

Assim como no vídeo citado anteriormente, ocorre uma tentativa de quebra sobre os conceitos de alguns termos do senso comum. *Hiperteficção* não tem relação com ficção científica, universos científicos e nem criaturas científicas. O termo Hiperteficção deriva do termo Hipertexto que segundo André Lemos (pesquisador na área de comunicação) “são informações textuais combinadas com imagens, sons, organizadas de forma a promover uma leitura (ou navegação) não-linear, baseada em indexações e associações de ideias e conceitos, sob a forma de links.” O mesmo também afirma que “os links funcionam como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações. O hipertexto é uma obra com várias entradas onde o leitor/navegador escolhe seu percurso pelos links.”

Vemos que a tecnologia atinge um público alvo que são os jovens, então essa opção de ter livros que eles possam participar foi algo muito inteligente, pois faz com que se interessem pela leitura e além do mais, faz com que os leitores formulem ideias para assim dar continuação à obra.

Nos anos 60, o termo Hipertexto ganhava nova formulação, com o sociólogo americano chamado Ted Nelson, criando assim novas designações das já conhecidas até então. Para ele, hipertextos seriam textos em ligação com outros textos com a única condição de que eles se ligassem entre si por alguma interferência do autor, ou seja, qualquer anotação feita em um livro poderia ser um hipertexto, visto que foi criada um pequeno texto nas margens de outro texto que nos remete a outros textos. Atualmente o uso de hipertextos está relacionada ao World Wide Web (www). Ao clicar em um link, o texto que você está lendo será direcionado a outro texto relativo e isso só ocorre quando o leitor interferir no texto clicando no link.

Existem alguns contrapontos entre autores a respeito da leitura de hipertextos e de textos tradicionais, conforme afirma Soares:

Cada vez menos as pessoas são estimuladas a imaginar e a abstrair, uma vez que as possibilidades de materialização de uma ideia seriam reproduzidas pela tela, resultando em prejuízo na reflexão e também na concentração, já que no momento da leitura a atenção é dividida entre ler, fazer escolhas e tomar decisões de quais link abrir ou de quando rolar o texto. (SOARES, 2002)

Ou seja, a constante utilização de hipertextos virtuais faz com que o leitor talvez tenha a sua capacidade imaginativa reduzida. E essas ações podem, segundo Soares, dificultar consideravelmente a absorção das informações.

Outras discussões acerca dos hipertextos abordam temas como a elitização da literatura considerando que muitas pessoas não têm acesso a internet. A hiperficção aqui sim tem o sentido popular que conhecemos de ficção (algo inventado), que seria a junção entre hipertexto e ficção, que o leitor pode interferir ou ler de forma diferente ao interagir com o texto, abrindo portas para outros textos. O leitor é também o autor e co-autor na medida em que o lê, assim, “a hiperficção, portanto, permite-nos rearticular os conceitos de dialogismo” (BAKHTIN, 2010).

A hiperficção também pode ocorrer nos meios impressos, tendo como exemplo o livro “As cidades invisíveis” de Italo Calvino. No livro é possível escolher o caminho a ser seguido, como se fosse um labirinto aberto, pois são vários caminhos que podem se entrelaçar, e também construir vários caminhos a medida que caminhamos além de passar por caminhos já abertos por outras pessoas.

Viviane em seu trabalho nomeado “Gêneros textuais em ambiente digital e leitura: o caso da Hiperficção exploratória” nos traz a informação de que o hipertexto é um conjunto de informações extraído de vários outros textos, ou seja, é um texto criado que tem como bases várias referências, ele era idealizado não apenas com palavras, mas também com som e vídeo. Isso fazia com que o leitor pudesse ir e voltar no texto quantas vezes quisesse, além de se estruturar com a rede.

Ao decorrer de sua pesquisa, descobrimos que o Hipertexto não é apenas uma forma de texto da rede, mas também de uma forma humana, afinal, podemos criar um hipertexto em nossa mente. Quem nunca leu um texto que e não se lembrou de uma história que ouviu, ou vivenciou? É exatamente isso que pode ocorrer com os leitores interacionistas.

Além disso, há uma diferença entre o hipertexto impresso e o hipertexto digital. Viviane afirma que “Há, porém, um limite de páginas no sentido de que um livro possui uma especialidade física.” (SANTOS, 2014, p.27), ou seja, o hipertexto impresso são os livros, que possui certo número de páginas, capítulos, é aquilo que você leu e entendeu.

Já o hipertexto digital não tem limites de linhas e páginas, a imaginação pode fluir e pode haver alteração por parte de quem produziu. Um exemplo disto é quando fazemos trabalhos em apresentação de Power Point e de última hora podemos alterar, diferentemente de um trabalho que escrevemos a mão e se houver algum erro, temos que iniciá-lo novamente. Também sabemos que no livro não podemos fazer comentários que o autor vá ler, e se for um post de um blog, facebook e afins, o leitor pode interagir de fato com o autor. Isso facilita na hora de saber se o que entendemos foi realmente o que o autor quis dizer ou ficamos na

esperança, como no caso do romance de Dom Casmurro, de Machado de Assis, que até hoje é uma incógnita a traição ou possível traição de Capitu e Bentinho.

Desta forma, conclui-se que este gênero, ainda recente, possui poucos exemplares brasileiros. Espera-se que este gênero, ainda pouco inserido no universo jovem, consiga mais adeptos, a fim de expandir o universo da literatura virtual.

Referências

JAKOVACS, Marina; SCHWEIG, Talita. **Hipertexto e Hiperficção na Literatura Brasileira**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uNFVVpKdk6g&t=34s> . Acesso 15 dezembro 2017.

SANTOS, Viviane da Silva. **Gêneros textuais em ambiente digital e leitura: o caso da Hiperficção exploratória**. Rio de Janeiro, 2014, p. 23-28. Disponível em:

_____; **O que é Hipertexto?** Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/o-que-e-hipertexto/>> Acesso 15 dezembro 2017.

_____; Tristessa. Disponível em: <<http://www.quattro.com.br/Tristessa/>> Acesso 15 dezembro 2017.

_____; Hiperficção. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~cimid/4lit/longhi/hiperfic.htm>
Acesso 15 dezembro 2017.